

30. Agosto. 1962 - 5ª Feira

O dia de ontem, era um dia realmente convidativo ao trabalho.

Aquele sol bonito que iluminava a cidade, contrastava bem com o azul-cinza da manhã chuvosa de hoje ...

Por isso, todos ontem se entregaram com maior disposição' ainda ao seu costumeiro serviço, empregando o melhor de seus esforços na realização de suas tarefas ...

E embora fôsse um dia de meio-de-semana, a visão de mais alguns dias pela frente antes do sagrado descanso dominical, a ninguém perturbou, a ninguém esmoreceu ...

E um moço, como o fazia diariamente, saiu de sua casa ao amanhecer, mais disposto ainda.

Ele que sempre enfrentava o serviço de cada dia com um sorriso nos lábios e uma esperança no coração, ele saiu mais animado do que de costume ...

De fato, a manhã que surgiu era uma das mais bonitas que já haviam aparecido em nossa cidade ...

E, após dar a partida no caminhão que era o seu companheiro inseparável de tantas lutas, e que lhe garantia o seu "ganha-pão", assobiando uma melodia qualquer ele saiu da Fazenda Santa Maria e veio até a cidade, num percurso pequeno mas que se tornava mais curto ainda quando seus pensamentos ferviam em seu cérebro ...

E durante aquela manhã bonita de ontem, ele trabalhou sem cessar, incansavelmente ...

Até que por volta das 12 horas, sem ainda ter almoçado, ele teve que ir à Usina de Açúcar.

Tomou do caminhão e saiu alegremente.

Desceu à rua D. Fernando Taddey, entrou no asfalto pela rua Dr. João de Aguiar e quando se preparava para entrar na Avenida das Nações Unidas, talvez que um estranho pressentimento tenha se apossado de seu ser.

De repente, ele já não sentia mais nada. De repente, o caminhão era um amontoado de ferros. De repente, ele deixou de existir ...

A locomotiva, resfolegando nas curvas, atingiu o caminhão arrastou-o por dez metros e em uma fração de segundo um moço deixou de viver ...

De quem a culpa? De alguém? De ninguém? E mesmo que haja um culpado, quem restituirá a vida àquele pobre homem morto no cumprimento de seu dever?

E em sua casa, pela tardezinha, uma família terá esperado

que ele não teve mesmo jeito, se não explicar o motivo da comemoração ...

E a explicação não deixou de ter um pequeno cunho humorístico, e, poque não dizer, também infantil ...

Sim, porque o nosso vizinho, tão sizado nos negócios e tão compenetrado em suas palavras, festejava tão somente o término do mês de agosto que ele considera, o mês do desgosto ...